



GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

AÇÃO COMUNICATIVA E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA INCLUSÃO DO OUTRO

Communicative Action and Information Mediation in the Inclusion of the Other

Marli Batista Fidelis – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Henriette Ferreira Gomes – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho busca relacionar a ação comunicativa de Habermas à mediação da informação, enquanto via de inclusão do outro, como sustentado por Habermas. Trata-se de um recorte de um estudo em desenvolvimento no âmbito do doutorado em Ciência da Informação, que visualiza na teoria da ação comunicativa de Habermas um horizonte possível para discutir e reflexionar o lugar e papel da mediação da informação na atual conjuntura, de modo a potencializar sua função emancipatória. A pesquisa pode ser classificada como exploratória, qualitativa, de método bibliográfico, procurando captar não só a aparência do fenômeno, como também suas essências, procurando explicar sua origem e relações. Entende-se que a Ciência da Informação contribui, através de suas investigações teóricas e empíricas envolvendo esferas que podem ser consideradas aqueles espaços em estado de vulnerabilidade, apontados por Habermas, a partir dos estudos acerca da mediação da informação na direção da inclusão do outro.

Palavras-chave: ciência da informação; mediação da informação; ação comunicativa.

Abstract: This work aims to relate Habermas's communicative action to information mediation as a means of including the other, as endorsed by Habermas. It is a segment of an ongoing study within the scope of a PhD in Information Science, which envisions the theory of communicative action by Habermas as a possible framework for discussing and reflecting on the place and role of information mediation in the current context, in order to enhance its emancipatory function. This research can be classified as exploratory, qualitative, and based on bibliographic methodology, seeking to capture not only the appearance of the phenomenon, but also its essences, aiming to explain its origin and relationships. It is understood that Information Science contributes through its theoretical and empirical investigations involving spheres that can be considered those spaces in a vulnerable state, as pointed out by Habermas, based on studies on information mediation towards the inclusion of the other.

Keywords: Information Science; Information mediation; Communicative action

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto marcado pela desinformação, é fundamental a discussão do papel da mediação nas interações informacionais, visto que são os sujeitos informacionais os responsáveis pelo processo de disseminação, interferência e apropriação da informação.

Segundo Demo (2000) é possível dizer que a desinformação em processos informativos é um componente intrínseco à comunicação humana, sendo o atual estágio da sociedade a prova mais cabal desse caráter ambíguo, como a própria ideia de globalização, que ao mesmo tempo em que parece juntar numa aldeia diversos povos e nações, aumenta gradualmente o fosso entre vários setores da sociedade. Desse modo, é relevante refletir sobre tal aspecto ante a realidade que se apresenta e perpassa os processos informacionais sobre os quais a Ciência da Informação dirige suas investigações, vislumbrando horizontes possíveis que contribuam para a inclusão do outro, emancipação dos sujeitos e o fortalecimento do mundo da vida.

Diante disso, foi desenvolvido este trabalho, que é um recorte de um estudo em desenvolvimento no âmbito do doutorado em Ciência da Informação, que visualiza na teoria da ação comunicativa de Habermas uma via para discutir e reflexionar o lugar e papel da mediação da informação na atual conjuntura, de modo a potencializar sua função emancipatória.

Este estudo pode ser categorizado como exploratório, qualitativo e de natureza bibliográfica, pois, seguindo a abordagem proposta por Lakatos e Marconi (2001), busca-se atribuir significado aos dados, explorando a percepção do fenômeno em seu contexto. Além de analisar a aparência do fenômeno, busca-se compreender suas essências, investigando suas origens e relações.

Para tanto, o trabalho foi estruturado em três seções, além desta introdução, cuja primeira seção discorre sobre a Ciência da Informação e sobre a mediação da informação; na segunda, aborda-se sobre a ação comunicativa de Habermas; e na terceira seção busca relacionar a ação comunicativa e a mediação da informação na via da inclusão do outro, como sustentado por Habermas, acionando mais enfaticamente os estudos de Gomes e suas ideias sobre a mediação da informação e suas dimensões.

Ao analisar as contribuições das abordagens teóricas e conceitual de mediação da informação, que a posiciona na intencionalidade do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, que por sua vez implica na expansão da capacidade de interpelação, de debate, da crítica em busca do entendimento e consensos possíveis, percebe-se que aproximação dessas abordagens com as teorias de Habermas fortalece o potencial reverberativo da ação de interferência consciente, para instaurar o processo de interação que transforme os sujeitos envolvidos em sujeitos mais emancipados.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A necessidade de refletir sobre os procedimentos de organização, registro e difusão do conhecimento, tendo como centralidade a informação em si e seus fluxos é o fundamento primordial que caracteriza o surgimento da Ciência da Informação. Entender e dominar tais procedimentos advém da busca do ser humano, desde os seus primórdios, de organizar o conhecimento por intermédio da classificação, registro e transferência da informação. E no pós-guerra, a partir do momento que ocorre a explosão informacional, com o aumento, principalmente, da produção técnica-informacional, que essa urgência aumenta sobremaneira.

A construção de um campo científico destinado a abordar questões informacionais e a organização do conhecimento consiste principalmente em uma disciplina que estabelece uma interação fluida entre diversas e distintas áreas do conhecimento. É um domínio que transcende a mera delimitação disciplinar, abrangendo tanto a esfera científica quanto o cotidiano da sociedade, buscando compreender e promover a interconexão entre a organização do conhecimento e a disseminação da informação.

No rol dos acontecimentos que marcaram a Ciência da Informação estão importantes precursores como Norbert Wiener, com a publicação *Cybernetics* em 1948, apresentando a teoria matemática da informação. Tem também Vannevar Bush, considerado por Barreto (2007, p. 3) como “o marco zero da ciência da informação”, devido a sua obra inovadora intitulada *As we may think*, publicada em 1945.

A década de 1950 representou um período de inovações para a Ciência da Informação direcionadas à recuperação da informação, “ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação” (SARACEVIC, 1996, p. 45, 46). A preocupação da Ciência da Informação em explicar questões relacionadas à problemática da informação voltada a demandas sociais, suscitou marcada relação interdisciplinar (LE COADIC, 2004).

Nas décadas de 1970 e 1980, a Ciência da Informação ampliou sua abordagem por meio da influência do cognitivismo, voltando-se ao usuário e suas interações com os sistemas de recuperação da informação. Posteriormente, o campo recebeu importante contribuição da Administração, que agregou maior visibilidade à organização e gestão dos recursos informacionais. É na década de 1990, a Ciência da Informação sente mais profundamente o

reflexo da globalização da produção social, o progresso tecnológico traz ao campo novos apontamentos (SARACEVIC, 1996).

Já no século XXI, as novas tecnologias digitais da informação e da comunicação produzem efeitos significativos e notórios no crescimento da produção intelectual e na comunicação do conhecimento, trazendo à Ciência da Informação novos redimensionamentos, voltados à visualização da memória informacional. Esse processo pleiteia novas formas para o tratamento da informação que potencializem, sobretudo, o acesso remoto aos repertórios informacionais (LE COADIC, 2004).

Essa breve recuperação de correntes históricas já consolidadas na Ciência da Informação revelam o incessante esforço da comunidade científica em criar possibilidades de abordagem dos conteúdos informacionais. Contudo, conforme apontado por Gomes (2021), um desafio adicional se apresenta: o de desenvolver uma compreensão de que os recortes temáticos, os investimentos científicos e os empreendimentos profissionais, dentro de cada especificidade desse fenômeno, se entrelaçam e se orientam em torno da mediação da informação.

Desse modo, no contexto atual, marcado por crescente desinformação, o estabelecimento da mediação da informação no campo da Ciência da Informação enquanto ação desenvolvida para promover o encontro entre o usuário e a informação tem reforçado a função social da Ciência da Informação. As abordagens em torno da mediação inseridas, constituídas e desenvolvidas estabelecem uma relação de convergência quanto a sua característica de ação de interferência, sob parâmetros éticos, que reverbere na sociedade.

Do ponto de vista técnico-profissional, a concepção de mediação emerge no campo da Ciência da Informação, mas especificamente na área da biblioteconomia, estreitamente ligada ao serviço de referência, que, embora tenha seus processos e metodologias amplamente divulgados, apresentava uma lacuna teórica. A mediação é apresentada como uma resposta à ausência de embasamento teórico percebida nesse contexto, onde predominam os procedimentos e metodologias, proposta como uma fundamentação para as práticas e processos informacionais realizados nos dispositivos informacionais (SANTOS NETO, 2019).

Conforme apontado por NUNES e CAVALCANTE (2017), é perceptível a composição de um paradigma cada vez mais voltado aos estudos da mediação, fenômeno particularmente visível na maneira pela qual a temática tem se delineado no contexto brasileiro, notavelmente no número significativo de grupos de pesquisa que adotam o termo em suas denominações.

A ênfase na mediação colabora diretamente para uma reorientação da agenda de pesquisa da CI, pois permite a criação de bases teóricas que abordam não apenas as condições materiais e técnicas que permeiam a natureza da informação, mas também o seu caráter social. Esse panorama paradigmático tanto auxilia na demonstração das singularidades das questões informacionais, quanto proporciona um arcabouço teórico robusto para abordá-las desde suas condições de produção até suas fases de recepção e apropriação pelos indivíduos.

Santos Neto (2019), identificou uma elite acadêmica que é responsável pela solidificação e pela produção científica sobre mediação e sobre mediação da informação: Aida Varela Varela, Elaine Cristina Lopes, Elmira Luzia Melo Soares Simeão, Giulia Crippa, Henriette Ferreira Gomes, Isa Maria Freire, João Arlindo dos Santos Neto, Jonathas Luiz Carvalho Silva, Lídia Eugênia Cavalcante, Marco Antônio de Almeida, Maria Giovanna Guedes Farias, Mariany Toriyama Nakamura, Marilene Lobo Abreu Barbosa, Marta Lígia Pomim Valentim, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Raquel do Rosário Santos, Regina Maria Marteleto, Sueli Bortolin e Valdir Jose Morigi. O reflexo de seus estudos são perceptíveis na incorporação do tema nos cursos e disciplinas, em grupos de estudo, projetos de pesquisa e eventos científicos do campo, modificando a forma como tanto os estudantes, quanto os pesquisadores e os próprios profissionais e os usuários se relacionam com a informação nas ações mediadoras.

Segundo Gomes (2019), parte dessa elite científica, a importância e o significado da mediação da informação está presente em todas as ações do ciclo informacional, desde a geração de conhecimento como aprendizado, passando pela seleção e representação, pelo armazenamento e recuperação, até ao uso e a geração de novas informações. Portanto, o profissional da mediação da informação age, constrói e interfere no meio, podendo atuar como protagonista social, na medida em que têm consciência da sua responsabilidade social, assumindo sua condição de sujeito político da estética, da ética e da produção humanizadora do mundo.

O conceito de mediação da informação amplamente aceito e difundido na área foi elaborado por Almeida Júnior (2015, p. 25), qual seja:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

A construção desse conceito abrange aspectos que são intrínsecos à mediação da informação, como a ideia de interferência e a apropriação da informação, fatores necessários na efetivação da mediação da informação. Além disso, só há mediação se existe um terceiro elemento, que é o profissional da informação, que vai propiciar o encontro entre informação e o usuário, interferindo para satisfazer uma necessidade. A mediação da informação deve ser entendida como um processo que envolve agentes, ambiências e dispositivos informacionais que são articulados para satisfazer parcial e momentaneamente as necessidades informacionais, visando também a geração de novos conflitos informacionais.

Gomes (2020) desenvolve suas reflexões tomando como referência o conceito de mediação da informação de Almeida Júnior (2015), entendendo que a mediação da informação representa o fundamento central da Ciência da Informação, que tem como foco o objeto informação, devendo ser aprofundado mediante estudos e debates, de modo a iluminar cada vez mais as ações de pesquisas e o trabalho informacional da área.

A mediação da informação, como fundamento da Ciência da Informação, terá o papel de apoiar a formação e as disciplinas que a compõem, as quais operam em condições de cumprir sua responsabilidade social e sua missão social. Gomes (2020) aponta que na realização da mediação consciente, as cinco dimensões: a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política podem ser alcançadas, garantindo que a Ciência da Informação e as áreas especializadas do seu campo efetivamente cumpram com sua responsabilidade social. Assim sendo, faz-se necessário o contínuo exercício da práxis, ou seja, o processo de reflexão permanente sobre a ação, seja de pesquisador, seja de profissional, de modo a realizar a análise crítica sobre suas atividades, produzir reflexões e formular contribuições teóricas e empíricas, realizando seu fazer profissional à luz dos fundamentos que norteiam sua área, comprometidos com a formação de profissionais atuantes e intelectuais orgânicos.

Em termos práticos, para que a mediação da informação ocorra é preciso que o profissional da informação tenha o domínio dos fundamentos para explorar bem o processo de troca de objetividades e subjetividades que a prática pode oportunizar. Em atividades de interferência implícita (ALMEIDA JÚNIOR, 2015), quando fundamentadas na mediação da informação e suas dimensões, os profissionais da informação não se limitam a organizar, preservar e disponibilizar informação, em disseminar informação, pois vão ao encontro do outro, que muitas vezes nem tem consciência de sua necessidade informacional.

Para Almeida Júnior (2009) a mediação da informação além de ser uma interferência, determina todo fazer do profissional da informação e quais ações da organização do conhecimento aparecem também como ações de mediação ao fazer diário dos profissionais da informação nas ambiências informacionais que são os espaços nos quais se interfere nas pesquisas dos usuários e em seus interesses informacionais. Seu conceito de mediação, sendo uma ação de interferência realizada em um processo, não pode ser confundida com manipulação, vez que na interferência o profissional da informação tem como foco de atenção o interesse informacional dos sujeitos.

3 AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS

Os estudos de Jürgen Habermas se configuram como arcabouço teórico fecundo para investigações sobre diversos temas no campo da Ciência da Informação. Conforme levantamento realizado por Gabriel Junior; Bufrem; Lima (2021), diversos pesquisadores têm utilizado os construtos habermasianos, com destaque Clóvis Montenegro, González de Gómez e Aldo Barreto. Além destes, outros autores têm explorado a relevância das ideias de Habermas em estudos sobre mediação da informação, dentre os quais Jetur Castro; Almeida Junior (2022) e Henriette Gomes; Marli Fidelis (2022).

Ademais, é pertinente mencionar o crescente engajamento da comunidade científica da Ciência da Informação no Colóquio Habermas, evento anual de caráter interdisciplinar que desempenha um papel de suma importância ao fomentar interações e diálogos profícuos entre estudiosos e especialistas interessados na obra do filósofo alemão. Essa intercessão abre novas perspectivas de investigação e compreensão das dinâmicas informacionais na sociedade contemporânea, estimulando a busca por uma abordagem mais crítica e emancipatória no âmbito da informação e do conhecimento, fundamentada primordialmente na prática da ação comunicativa.

A ação comunicativa é uma “interação simbolicamente mediada”, que se orienta segundo normas definidoras das expectativas recíprocas de comportamento social, entendidas e aceitas pelos sujeitos (HABERMAS, 1987, p. 57). Trata-se de uma ação social, fundamentada na mútua cooperação, mediada pela linguagem, na qual participantes compreendem-se sobre algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo, de maneira simultânea, visto que, estes três componentes (re)definem as interpretações e definições elaboradas pelos sujeitos falantes/ouvintes.

O agir comunicativo distingue-se, pois, do estratégico, uma vez que a coordenação bem sucedida da ação não está apoiada na racionalidade teleológica dos planos individuais de ação, mas na força racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto, numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente (HABERMAS, 1990, p. 72).

Segundo Habermas, ao executar um ato de fala, num processo de interação comunicativa, o falante recorre a um determinado horizonte de interpretação, buscando os recursos necessários ao entendimento, de modo a estabelecer relações intersubjetivas mediadas pela linguagem. Esse horizonte ao qual o falante recorre é o mundo da vida, o “chão” que complementa o conceito de ação comunicativa. Portanto, o mundo da vida “constitui o contexto da situação de ação, fornecendo, ao mesmo tempo, os recursos para os processos de interpretação com os quais os participantes da comunicação procuram suprir a carência de entendimento mútuo que surgiu em cada situação de ação” (HABERMAS, 1989, p. 167).

De acordo com o autor, o mundo da vida é o solo da práxis comunicativa, o “horizonte em que os agentes comunicativos se movem” (HABERMAS, 2001, p. 169). Constitui-se como depósito de auto-evidências organizado culturalmente e representado linguisticamente, resultado da vivência cotidiana, na qual os participantes utilizam elementos relevantes a uma dada situação.

Habermas (2001, p. 196) afirma: “Ao coordenar suas ações através do reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade suscetíveis de crítica, os participantes, na interação fundamentam-se em pertenças a grupos sociais cuja integração simultaneamente válida”.

Os sujeitos participantes de processos interativos coordenam suas ações intersubjetivamente com intuito de validarem suas pretensões por intermédio de argumentos passíveis de críticas, fundamentando-se em vivências e pertencimento a um coletivo ou grupo social. Desse modo, o sujeito participa da (re)construção do saber, coletivamente, alcançada mediante a força da argumentação que resultará em um consenso.

Nesse processo de interação, a linguagem, como a grande protagonista do agir comunicativo, possui atribuições basilares: instiga o entendimento mútuo, propicia a coordenação das ações e promove a socialização. O médium linguístico constitui-se como a estrutura que fortalece o mundo da vida, visto que por meio do entendimento linguístico seus componentes estruturais corporificam-se e reproduzem-se, possuindo funções específicas para cada um deles: a função cognitiva, responsável pela aquisição, transmissão e crítica do

conhecimento cultural; a função apelativa, responsável pela coordenação de ações e pretensões de validade reconhecidas intersubjetivamente; a função expressiva, que possibilita a formação da identidade no plano da personalidade.

De acordo com Habermas, é a linguagem que permite que algo no mundo vivido seja apresentado como fato (mundo objetivo), como norma (mundo social) ou como vivências (mundo subjetivo), delimitado em relação a um tema. Constitui-se como a estrutura das condições de possibilidade da prática comunicativa cotidiana do mundo da vida, adquirindo status transcendental.

Assim, a ação comunicativa está fundamentada na mútua cooperação interpretativa, na qual participantes compreendem-se sobre algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo de maneira simultânea, visto que são estes três componentes que definem e/ou redefinem as interpretações e definições elaboradas pelos sujeitos falantes/ouvintes, e, portanto, precisam ser validadas nos três componentes formais do mundo da vida.

A dominação colonizadora dos sistemas deslinguistizados, como afirma Habermas (1999), acontece de múltiplas formas, inclusive por meio da aprendizagem, da profissionalização, do direito, da mídia, da informação, entre outras janelas que limitam nossa forma de visualizar as paisagens da realidade, porquanto são construídas e funcionam também como sistema de domínios, dando a falsa impressão de que são autônomas.

Nessa dimensão, ambientes que deveriam ser centros de efervescentes ações imbuídas de solidariedade e voltadas ao coletivo, como menciona Demo (2000), acabam se limitando a ferramentas estritamente vinculadas ao espírito capitalista, contribuindo para o contexto de competição ilimitada. A urgência que tem se imposto é o atendimento aos clamores do mercado, de modo que centros de educação e informação abdicam dos interesses coletivos que lhe são inerentes em prol de interesses finalistas e não-sociais (DEMO, 2000).

Para Habermas (2001), a realidade social pode ser reconstruída por meio das perspectivas de interação de cada sujeito, na perspectiva de inclusão do outro, reconhecido por valores e experiências individuais, que obedece a regras pré-estabelecidas, mas que consegue atuar de forma crítica para construir e reconstruir no coletivo a partir de relações comunicativas com outros sujeitos. O processo de entendimento, no qual o sujeito posiciona-se de forma interativa com os outros, fortalece o mundo da vida, permitindo-nos perceber a

necessidade de que a construção do conhecimento suscite novos discursos sobre as imposições sistêmicas.

4 A INCLUSÃO DO OUTRO PELA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

É na interação social que os indivíduos se constituem enquanto sujeitos sociais, capazes de fala e ação. No processo de mediação, podemos verificar que a linguagem é o principal dispositivo que a sociedade foi capaz de desenvolver ao longo da história da humanidade (GOMES, 2019, 2020). Habermas expõe tal compreensão quanto à linguagem enquanto médium linguístico, quando afirma que o médium linguístico é a possibilidade de interações livres de coação, potencializadoras do entendimento mútuo e do desenvolvimento do pensamento crítico (HABERMAS, 1989).

Nesse sentido, parece haver convergências entre Habermas e Gomes (2020), em especial quando esta última apresenta a mediação da informação como ação dialética e interacionista, formada por dimensões, argumentando que a efetivação da mediação da informação se dá em sua plenitude quando ela é consciente e, por isso, tem maiores chances de alcançar suas dimensões.

Ao considerar a infalibilidade do uso da linguagem nas relações sociais, Gomes (2014, 2019, 2020) focaliza em primeiro lugar a dimensão dialógica da mediação da informação, enquanto base estrutural do processo mediador, que quando alcançada permite a intensificação da comunicação no encontro dos sujeitos com a informação, estimulando e desenvolvendo as capacidades individuais de interpelar, de interferir, de se posicionar dialogicamente diante do outro e em contato com qualquer assunto. O alcance da dimensão dialógica pela ação mediadora permite a recriação e ressignificação de saberes e percepções dos sujeitos envolvidos na ação, conferindo capacidade de interferir na realidade e na própria constituição dos sujeitos sociais. Alcançar essa dimensão é se voltar intensamente para a integração precípua entre os sujeitos, estando, portanto, numa zona de confluência entre a comunicação e a informação.

Importante dizer que, para Habermas (2004), a inclusão do outro é alcançada por meio de um processo de comunicação e participação coletiva, sendo necessário para tanto, diálogo e deliberação. Ou seja, a inclusão do outro envolve a criação de espaços públicos de diálogo e deliberação, nos quais todas as vozes têm a oportunidade de serem ouvidas e consideradas.

Isso implica na promoção de uma esfera pública inclusiva, na qual os participantes possam expressar suas opiniões (HABERMAS, 2004).

Nessa direção, Gomes (2020) afirma que a mediação da informação assegura essa transmissão da herança cultural ao possibilitar a ressignificação do debate e o estímulo da interlocução com os sujeitos da ação. A mediação da informação trabalha tanto com a comunicação síncrona, quanto com a comunicação assíncrona para garantir a interligação entre sujeitos em torno de quaisquer que sejam suas áreas de interesse temático, sendo a dimensão dialógica instauradora da dialogia entre sujeitos (GOMES, 2014, 2019, 2020).

A ação mediadora tem na dialogia a sua base de sustentação, porquanto preserva o espaço da interpelação, essencial ao desenvolvimento humano, o que remete à ideia da importância de que ela seja feita de modo consciente, remetendo a categoria conceitual de mediação consciente apresentada por Almeida Júnior (2015).

Quando configurada como *lócus* motivador de convicção e gerador de consensos múltiplos imbuídos de responsabilidade social, a informação substancia o agir comunicativo, visto que reflete os enredos culturais, a normatividade definidora das relações interpessoais e a formação identitária estruturante do mundo social da vida. Ancorado em conteúdos significativos/informacionais, o processo de interação coordena as ações de socialização, permitindo que as ideias/argumentações sejam apresentadas: a) como válidas e expressivamente justas no mundo objetivo; b) como normas eticamente justificadas e aceitas no mundo social; e c) como sensações/emoções vivenciadas pelo mundo subjetivo dos afetos, inerentes à condição humana (bases articuladoras do mundo vivido).

No estabelecimento e na expansão do espaço dialógico, a ação mediadora pode favorecer o exercício da crítica, que poderá colaborar para o processo colaborativo de trocas, que estimulam a criatividade e o prazer de experimentar a criação, alcançando assim a sua dimensão estética. Os profissionais da informação colaboram para a construção dessa experiência emancipadora de viver o ato de criar na interação com o outro, proporcionando aos sujeitos o prazer criativo, a satisfação de criar e recriar e de se sentir capaz de participar da discussão, de interferir e interpelar.

Essa autopercepção decorre do prazer estético da criatividade, o que todos podem e são capazes de vivenciar no processo de mediação, a partir de trocas objetivas e subjetivas, que impulsionam o processo de apropriação da informação, no qual o status do conhecimento do sujeito se altera, momento em que a mediação adentra à dimensão formativa. (GOMES,

2019, 2020). Nesse momento algo se transforma no sujeito e ocorre o redimensionamento dos seus conhecimentos e saberes no processo de apropriação, que envolve tanto a dimensão estética, quanto a dimensão formativa da mediação da informação.

Para que a mediação da informação seja efetiva, é necessário o alcance da dimensão ética, que deverá ser alcançada em articulação com o alcance das dimensões dialógica, estética e formativa, como balizadora do equilíbrio do alcance entre elas, por ser ela a dimensão que representa o cuidado com o respeito às diferenças; o respeito à alteridade, que assegurem o espaço de todos nos debates (GOMES 2019, 2020).

Quando os profissionais da informação atuam na mediação consciente da informação, refletindo criticamente sobre suas práticas (exercício da práxis), identificando os limites e novas possibilidades de superação, construindo uma consciência da sua função protagonista e da importância de seu papel na ordem social e política em favor do desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, pode alcançar as dimensões da mediação da informação.

Ao compreender-se enquanto sujeito político e trabalhando para que a ação mediadora alcance a sua dimensão política, o mediador começa a realizar a mediação consciente, facilitadora da construção e do desenvolvimento desse protagonismo social, tornando ações em oportunidades de processo de conscientização dos sujeitos envolvidos, potencializando as trocas de objetividades e subjetividades no debate e no exercício da crítica, quando o livre pensar e expressar podem e devem ocorrer (GOMES, 2020).

Na medida em que o mediador da informação toma consciência quanto ao processo da mediação, mais será capaz de refletir sobre as intencionalidades da ação de interferência, suas práticas e contextos onde atua, passando a realizar a mediação consciente, o que favorece o alcance articulado das outras quatro dimensões da mediação da informação (dialógica, estética, formativa e ética) e, segundo Gomes (2020), quando isso acontece, a mediação da informação alcança a sua dimensão política, circunstância na qual tanto os mediadores quanto os sujeitos que participam da ação mediadora tomam consciência sobre seu próprio papel no mundo, da sua condição de sujeitos políticos. E, ainda refletindo sobre o alcance da dimensão política, Gomes (2017, 2019, 2020) defende que o seu alcance repercute nas concepções de vida e de mundo dos envolvidos, suas próprias ações na vida cotidiana e seu fazer social, condições que lhes permitirão assumir a condição de protagonistas sociais,

passando a assumir o que a autora defende ser o processo humanizador do mundo (GOMES, 2016, 2017, 2019, 2020).

Para Habermas (2001), a realidade social pode ser reconstruída por meio das perspectivas de interação de cada sujeito, na perspectiva de inclusão do outro, reconhecido por valores e experiências individuais, que obedece a regras pré-estabelecidas, mas que consegue atuar de forma crítica para construir e reconstruir no coletivo a partir de relações comunicativas com outros sujeitos. O processo de entendimento, no qual o sujeito posiciona-se de forma interativa com os outros, fortalece o mundo da vida, permitindo-nos perceber a necessidade de que a construção do conhecimento suscite novos discursos sobre as imposições sistêmicas. Habermas entende que o processo emancipatório segue a via do diálogo, da comunicação, da interação e inter-relação social, da solidariedade e do acordo com diferentes, sendo necessário, portanto, dispor do potencial comunicativo dos sujeitos em ações de informação para (re)construir, fortalecer e propagar as relações e processos interativos no mundo da vida.

Segundo Gomes (2020), a mediação da informação, em suas dimensões, desempenha papel fundamental ao fornecer suporte à formação e às disciplinas especializadas que compõem o campo. Essas disciplinas, por sua vez, operam em um contexto que lhes permite cumprir sua responsabilidade social e abraçar sua missão social. Assim sendo, faz-se necessário o contínuo exercício da práxis, ou seja, o processo de reflexão permanente sobre a ação, seja de pesquisador, seja de profissional, de modo a realizar a análise crítica sobre suas atividades, produzir reflexões e formular contribuições teóricas e empíricas, realizando seu fazer profissional à luz dos fundamentos que norteiam sua área, comprometidos com a formação de profissionais atuantes e intelectuais orgânicos.

Ou seja, todos os profissionais que atuam com a informação e com documento precisam trabalhar incessantemente na construção do espaço dialógico e crítico, onde a dimensão estética que defende Gomes (2020) possa ser acessada e desenvolvida, bem como as demais dimensões, de maneira que os sujeitos não apenas localizem e recuperem a informação, mas sejam capazes de se apropriar da informação e criarem seus próprios acervos informacionais.

Entende-se dimensão dialógica é a base de sustentação do processo mediador e, portanto, a inclusão do outro, porque sem ela não ocorre mediação, menos ainda a mediação consciente. Entretanto, o resultante dessa ação, que deve ser o desenvolvimento do

protagonismo social, só vai ocorrer de forma plena no alcance articulado das cinco dimensões, conforme ressalta Gomes (2020). Nesse contexto, o profissional da informação assume o papel de agente político, atuando em todas as dimensões da ação mediadora, intervindo e construindo, revelando-se como um protagonista social intrinsecamente enraizado na tessitura da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa necessidade de focalizar as questões informacionais em termos humanos torna-se cada vez mais urgente ante a nossa realidade, sendo percebida pelos diversos estudiosos da área. Nesse contexto, as ideias Jürgen Habermas e sua teoria do agir comunicativo oferecem horizontes possíveis e promissores para a Ciência da Informação reafirmar seu objeto de estudo, a informação, (como conhecimento, como processo ou como coisa) em termos humanos, sociais e intersubjetivos. É cada vez mais imperativo refletir sobre as possibilidades do campo informacional contribuir para o fortalecimento do mundo da vida, as interações comunicativas e a integração social pela via da inclusão do outro.

Diante da necessidade de descolonizar o mundo da vida por intermédio da racionalização comunicativa dos espaços abertos em suas esferas, entendemos ser esse o ponto crucial sobre o qual a Ciência da Informação pode contribuir. Através de suas investigações teóricas e empíricas envolvendo esferas que podem ser consideradas aqueles espaços em estado de vulnerabilidade, conforme apontado por Habermas, a partir dos estudos sobre mediação da informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119300>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da ciência da informação. In: Toutain, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 13-34.

CASTRO, . L. de; ALMEIDA JUNIOR, . F. de. Mediação da informação e reconhecimento intersubjetivo: aproximações teóricas. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/87251>. Acesso em: 02 fev. 2023.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FIDELIS, M. B.; GOMES, H. F. Mediação da informação e ação comunicativa habermasiana. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 91–111, 2022.

GABRIEL JUNIOR, R. F.; BUFREM, L. S.; LIMA, M. H. T. F. Influências teóricas de Jürgen Habermas na ciência da informação indexada na Brapci. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, p. 6-23, 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 4, v. 30, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047> . Acesso em: 17 jan. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: filosofia da informação**, n. 2, v. 5, p. 10-21, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO Hildenise Ferreira (org.). **Informação e Protagonismo Social**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2017, v. 1, p. 27-44.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e Informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. In: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2016, v. 1, p. 91-107.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, PR, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HABERMAS, J. *Teoría de la Acción Comunicativa: crítica de la razón funcionalista II*. Madrid: Taurus: 2001.

HABERMAS, J. **Teoría de la Acción Comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social I**, Madrid: Taurus, 1999.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LE COADIC, Y-F. **Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. **Por uma epistême mediacional na ciência da informação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 18., 2017, Marília, SP. Anais [...]. Londrina: ACIB/PPGCI/UNESP, 2017.

SANTOS NETO, J. A. dos. **O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos**. 2019. 460p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista – (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 17 nov. 2022.